

Tancredo

CONTEÚDO BRASILENSE

A lenda deste tempo

O pesar demonstrado pela morte do presidente Tancredo Neves não tem correspondência em nossa História. Não foi o desespero com que o povo acompanhou o enterro de Getúlio Vargas, a quem considerou depósito pelos conservadores, nem a revolta com que sepultou Juscelino Kubitschek, espoliado de seu futuro. Foi a dor silenciosa de quem tinha esperança e, de repente, constatou que a vida não é sonho e sim uma dura realidade marcada pelos desgostos.

Em certo sentido sua morte foi a grande derrota que não sofremos nos campos de batalha, mas que, ao longo dos séculos, tem servido para que o País se reencontre e a nacionalidade surja com toda a sua pujança. A vigília cívica em torno do Instituto do Coração estendeu-se a todos os lares durante o período em que o presidente Tancredo Neves lutou pela vida. Os que choraram e os que rezaram a seus deuses, sejam quais forem não podem sentir-se frustrados, porque lhe deram o melhor que tinham: sua fé.

Os dias que passou internado foram o seu martírio. Não pelo que sofreu mas por ter ficado longe do povo no qual se encontrava e se fortalecia e para o qual viveu. Não se conhece dele um ato que não tenha sido caracterizado pelo espírito público, pelo desejo de servir ao povo e, por isso, a Pátria o acompanhou em seu calvário. Não dividimos o peso da cruz porque ele a carregou enquanto Deus permitiu. Sem reclamar, sem exibi-la.

Mineiro da zona de mineração, a que enfrentou e se rebelou contra a exploração real, tinha consciência atávica de quanto padecem os explorados e confiança ardente na liberdade futura, ainda que tardia. Inconfidente moderno, angustiado com a espoliação dos mais pobres dos homens e das Nações, morreu na mesma data que Tiradentes, seu antecessor na História, sua alma irmã nos sonhos da grandeza brasileira. Estão ambos hoje e assim ficarão, para além dos tempos, a velar pela Nação que regaram

com seu sangue e acalentaram com sua dor.

7.5 ABR. 1985

Deixa-nos uma lição de paz, amor e, sobretudo, tolerância. Não a dos que se acomodam e evitam definições e sim a dos que compreendem como o homem pode ser pequeno em seus atos e ambições, porém infinito em sua alma. Procurou, sempre, o melhor em cada um dos que conheceu e jamais mostrou perceber as fraquezas, identificadas com grande acuidade. Tinha o sentido da caridade cristã e preferia ser humilhado a humilhar, marca da sua bondade infinda.

Em 10 de março de 83, data em que se despediu do Senado, publiquei, neste jornal, uma análise sobre a sua carreira, com o título "Uma lenda, ontem, hoje, amanhã". No segundo parágrafo afirmava: "Voltado para o futuro, Tancredo Neves sonha, agora, com a Presidência da República, que parece distante como o horizonte. Não é impossível. Nas horas graves de desespero, as nações, como as pessoas, procuram quem pode salvá-las". A tarde, quando me encontrou no Senado, pegou-me no braço e disse: "Você exagerou. Eu não sou tudo aquilo". Era, Era muito mais.

De outra feita, quando lhe observei que não houvesse o Governo determinado a vinculação de votos e, com isto, forçado a extinção do PP, não seria candidato à Presidência da República pelo PMDB, retrucou-me: "É o destino. É o meu destino". E nesta frase que penso neste momento, angustiante, em que a Nação como se prosterna para vê-lo pela última vez, acompanhá-lo em sua última jornada. Como pode ter sido seu destino o de se ir sem dizer adeus, o de nos deixar quando mais o País necessitará de sua mensagem de amor? Penso e não compreendo.

Dizem que sua última frase, antes da sétima cirurgia, foi: "Eu não merecia isto". Não merecia. Nós não merecíamos. O Brasil não merecia.

JOÃO EMÍLIO FALCÃO